

Da (in)visibilidade social da surdez à sua heterogeneidade *enunciativa na redação do ENEM*

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima
Universidade Estadual de Goiás
ffpalima@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-1924-4780>

Robert Gomes Barbosa
Universidade Estadual de Goiás
robertgomesbarbosa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8607-2774>

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar redações modelares do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), remissivas ao ano de 2017, cujo tema “Desafios para a formação de surdos no Brasil” traduz uma singular relevância para a sociedade. Fundamentado na Análise do Discurso francesa e nos estudos dos gêneros discursivos, este trabalho observa os registros da heterogeneidade mostrada e constitutiva da linguagem em 4 (quatro) excertos de redações que tiraram nota máxima no devido exame e que dão a saber como a heterogeneidade formula um modo de materializar o outro no texto. Nesse processo de construção textual, na medida em que a interdiscursividade constitui o dizer e os seus efeitos de sentido, inscreve-se a relação que o discurso estabelece com seu outro. Assim, o tema alusivo à surdez e às suas vulnerabilidades historicamente silenciadas ganha relevo em condições enunciativas de produção reguladas pela alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: Redação. ENEM. Heterogeneidade Mostrada. Heterogeneidade Constitutiva.

FROM THE SOCIAL INVISIBILITY OF DEAFNESS TO ITS ENCLOSURE HETEROGENEITY IN THE WRITING OF ENEM

ABSTRACT: This article aims to analyze model essays of the do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), referring to the year 2017, whose theme “Challenges for the education of deaf people in Brazil” translates a singular relevance for society. Based on French Discourse Analysis and on studies of discursive genres, this work observes the records of shown and constitutive heterogeneity of language in 4 (four) excerpts from essays that received maximum marks in due examination and that reveal how heterogeneity formulates a way of materializing the other in the text. In this process of textual construction and insofar as interdiscursivity constitutes the saying and its meaning effects, the relationship that the discourse establishes with its other is inscribed. Thus, the theme alluding to deafness and its historically silenced vulnerabilities gains prominence in enunciative conditions of production regulated by otherness.

KEYWORDS: Essay. ENEM. Shown Heterogeneity. Constitutive Heterogeneity.



INTRODUÇÃO

Refletir sobre os sentidos remissivos ao tema “Desafios para a formação de surdos no Brasil”, em redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2017, permite ao analista do discurso singularizar o trajeto dissertativo-argumentativo que o texto apresenta e, particularmente, os diferentes modos de materialização da palavra do outro em seus enunciados sobre os problemas concernentes à histórica invisibilidade de surdos no Brasil. Discute-se, nesta acepção, o tema da redação do ENEM 2017 e alguns sentidos que o constituem e problematizam a questão da formação de surdos no Brasil. Ao se estudar redações produzidas por candidatos neste processo seletivo, têm-se variadas formas de se perscrutar a presença do outro e suas condições de aparecimento no discurso.

De modo mais geral, a devida proposta de redação instaura uma discussão sobre as ações de inclusão na esfera da educação brasileira, e abre possibilidades para se pensar se essas ações constituem uma luta política ou se traduzem um conjunto de diligências que tentam sanar a dívida ética para com o passado de alguns excluídos. A partir do tema e dos discursos que enviam os textos motivadores, a prova, sob as premissas da educação, traz à cena enunciados sobre o surdo e suas singularidades, suas aspirações individuais e coletivas. Sabe-se que essas condições de produção textual estão precipuamente ligadas a uma história que silenciou surdos, mudos, cegos e outros situados à margem da inclusão social. São condições que possibilitam aos autores das redações reflexão sobre esse tema que tentou quebrar o silêncio da inclusão e o reinado da indiferença, historicamente impostos aos surdos, e sobre o seu debate insistentemente adiado.

A fim de que se delimitem questões, este texto busca, inicialmente, analisar redações modelares que obtiveram nota máxima no ENEM 2017, veiculadas na página eletrônica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e em outras fontes acessíveis. Com isso, discute-se a presença da heterogeneidade mostrada e constitutiva nas devidas produções e questiona-se se, ao se discutir a surdez nos textos modelares do ENEM, o candidato embasa sua argumentação sob o viés de uma heterogeneidade mostrada e/ou constitutiva.

A reflexão aqui construída pauta-se em conceitos produzidos no âmbito do quadro teórico da Análise do Discurso francesa, especificamente, as noções de heterogeneidade, desenvolvidas por Jaqueline Authier (2004); bem como as noções de gênero do discurso fundamentadas em Mikhail Bakhtin (2003). Para dizer desses conceitos e seus desdobramentos, as contribuições de outros autores somam-se ao olhar que norteia o campo discursivo e o seu alcance analítico. Nesse sentido, objetiva-se analisar alguns sentidos sobre a surdez que embasam as redações modelares do ENEM 2017. Observa-se como os autores intercalam um diálogo com os textos motivadores e inscrevem posicionamentos com a interferência do outro nas discussões que constroem. É nesse contexto dialógico de interação com o outro que se fundamenta a interdiscursividade.

Em uma perspectiva empírica e interpretativa, a análise documental de 04 (quatro) redações modelares, pela autenticidade com que se apresentam, voltou-se a perscrutar

como o enunciado do outro inscreve-se no texto de modo íntimo e constitutivo de sua temática e em sua relação inextrincável com o enunciado de quem o produz. Analisam-se, dessa maneira, os dados, aqui constituídos pelos enunciados das redações modelares, que discorrem sobre os “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. É um tema que, indiretamente, interroga as condições dadas aos surdos na educação brasileira.

Afora, é uma questão que está posta, e que, pelo modo como se enuncia na redação do ENEM 2017, produz um acontecimento discursivo na sociedade. Pela ênfase que mobiliza, convoca os candidatos a um debate que tem se somado aos discursos sobre a surdez, na tentativa de se quebrar a fronteira, entre outros muros, do silenciamento das limitações humanas.

A SURDEZ E AS NOÇÕES DE HETEROGENEIDADE NO DISCURSO

Pensar a formação educacional do surdo no Brasil, no acontecimento discursivo do ENEM, é refletir sobre as condições de existência do surdo na sociedade da qual é parte e como estas influenciam na construção de um texto redacional heterogeneamente constituído. Afinal, um texto é pensado com o que se oferece ao seu autor e agencia seus posicionamentos.

Dizer que os discursos fazem da surdez um objeto cultural silenciado ou lhe dão um papel secundário na pauta de preocupações não é novidade. Então, como pensar as singularidades movidas pela presença do surdo na educação? Estabelecer uma discussão a esse respeito é um gesto político que se leva ao texto. Pensar em que base os discursos que produzem a redação estão assentados e o que ocorre com os surdos em termos de inclusão na educação é resultado de um trabalho social a partir dos padrões de normalidade que regem a sociedade.

Nas palavras de Jaqueline Authier (2004, p. 69) “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’. O *outro* não é *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso” (grifos da autora). Esses termos assinalam as noções de heterogeneidade mostrada e constitutiva no discurso. Segundo Authier (2004, p. 12-13), a heterogeneidade mostrada seria:

[...] o discurso direto, [...] fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do sentido dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – [...] o locutor se apresenta como simples ‘porta voz’. [...] faz uso de palavras inscritas no fio do seu discurso e, ao mesmo tempo, ele as mostra.

A heterogeneidade é parte imprescindível que embasa todo e qualquer discurso, pois o enunciado não se constrói sozinho, mas em sua relação com outros enunciados, com outras vozes, com outros discursos.

Authier (2004, p. 21-25) também define a heterogeneidade constitutiva, esta que nos constitui involuntariamente e imperceptivelmente.

[...] Partindo das formas marcadas que atribuem ao outro um lugar linguisticamente descritível, claramente delimitado no discurso, passando pelo *continuum* das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se, inevitavelmente, à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística. [...] é o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem duplo de um frente a frente, nem mesmo o ‘diferente’, mas *um outro que atravessa construtivamente o um*.

Esse outro não nos é claramente percebido; falamos, conversamos, dizemos sempre algo já dito, em outros tempos, em outros momentos e circunstâncias. As palavras do outro, mesmo que não sejam elevadas a uma identificação, elas não são nossas em seu fundamento, apenas são mobilizadas nos discursos porque lhes são basilares.

De acordo com Possenti (2011, p. 380), a noção de heterogeneidade se traduz também em interdiscurso, polifonia, dialogismo e intertextualidade. Ou seja, há diferentes designações para se considerar a presença do outro no discurso. Para o autor, o Outro encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. O Outro é o que sistematicamente fala a um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. É aquela parte de sentido necessária ao discurso e à sua identidade, cujos elementos nunca são tomados, ou retomados, a não ser como simulacros (POSSENTI, 2011, p. 384).

“É no interior do campo discursivo que se constitui um discurso e fazemos a hipótese de que essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes” (MAINGUENEAU, 2005, p. 36). O discurso do outro é permeado por diferentes discursos que não são autônomos, uma vez que se consubstanciam involuntariamente na colaboração entre os sentidos que emanam da alteridade que instauram entre si e os seus pares.

A heterogeneidade que atravessa os enunciados não têm uma ocorrência pacífica. Há uma luta incessante que os convoca nos discursos, em decorrência das condições socioideológicas em que são mobilizados. Segundo Daniel Faïta (1997, p. 173), há uma “contradição entre a liberdade de criação e a implicação de todo sujeito na relação triádica entre si mesmo, o outro, e as vozes que se exprimiram antes ou se exprimem em outros lugares, em paralelo”. Necessariamente, não há uma ordem entre os pontos dessa tríade, trata-se de uma atividade complexa entre convergência e/ou divergência entre as diferentes vozes constitutivas da heterogeneidade discursiva.

Os sentidos que emanam das relações heterogêneas dos enunciados estão sempre em diálogo ou em conflito entre si, pois os argumentos e os contra-argumentos são elementares à teia textual. Eles podem ressignificar o que já foi dito, negar, reestruturar ou simplesmente ratificar enunciados anteriormente ditos, revitalizando-lhes, retomando-lhes e remetendo-lhes uma existência no acontecimento discursivo do texto. Pelo viés do intertexto a heterogeneidade se realiza, de modo explícito ou não, o intertexto embasa

os sentidos do texto. A palavra *intertextualidade* foi uma das primeiras a ganhar prestígio no Ocidente. Isso se deu graças à obra de Júlia Kristeva que obteve cidadania acadêmica, antes mesmo de termos, como dialogismo, alcançarem notoriedade na pesquisa linguística e literária (FIORIN, 2006, p. 162). A formulação de todo e qualquer texto é sempre constituída por outros textos que dizem por ele, que lhe dão existência em um dado momento e para uma dada finalidade.

Maingueneau (2005), ao citar algumas reflexões de Todorov sobre o caráter constitutivo da interação enunciativa, mobiliza as seguintes considerações do autor soviético: “o discurso reencontra o discurso do outro em todos os caminhos que levam a seu objeto, e um não pode não entrar em relação viva e intensa com o outro” (TODOROV, 1981, p. 98 *apud* MAINGUENEAU, 2005, p. 35). Pode-se considerar a heterogeneidade nas redações do ENEM analisadas neste trabalho como característica constitutiva de todo e qualquer texto, entendido aqui não apenas como uma unidade de sentido, mas como uma unidade que materializa a multiplicidade da interação humana e suas práticas socialmente organizadas.

Todo texto possui um autor e, por isso, o texto enquanto entidade “não se vincula aos elementos reproduzíveis de um sistema da língua (dos signos) e sim aos outros textos (irreproduzíveis) numa relação específica, dialógica”. Se o texto tem um autor, ele é irrepitível e só ganha sentido na relação dialógica (BAKHTIN, 1992 *apud* FIORIN, 2006, p. 179). Assim, o texto é, continuamente, resultado do dialogismo que envolve as ações entre os sujeitos, a pertinência dos temas que o traduzem, e o estilo que embasa seus enunciados. Esses dão lugar aos diferentes tipos de discursos que os identificam e às discussões que deles provêm.

ENTRE AS PRÁTICAS SOCIAIS E A LINGUAGEM: OS GÊNEROS DO DISCURSO

Há várias perspectivas quando se aborda a definição de gênero: “os formalistas definem gênero como um certo argumento constante e específico de procedimentos que apresenta uma dominante definida” (ROJO e BARBOSA, 2015 p. 39). Aqui, optou-se pelos estudos bakhtinianos sobre essa abordagem, bem como pelo seu olhar ideológico a respeito dos temas que movem as materialidades enunciativas que resultam das práticas sociais, uma vez que “o que interessa aos autores é o tema ou a significação das enunciações, dos discursos viabilizados nos textos ou enunciados” (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 42). Sendo assim, para definir a perspectiva que se adotou nesta produção e distinguir gênero textual de gênero discursivo, Rojo e Barbosa elucidam algumas questões.

Segundo as autoras,

[...] o que interessa nessa abordagem são os *efeitos de sentido discursivos*, os *ecos ideológicos*, as *vozes* e as *apreciações de valor* que o sujeito do discurso faz por meio dos enunciados/textos em certos gêneros que lhe viabilizam certas escolhas linguísticas. Por isso os gêneros são estudados. Não importam as normas linguísticas ou a dos textos em si, para relacioná-las aos contextos, mas o desenvolvimento dos temas e da significação. Por isso, os bakhtinianos referem-se aos gêneros

com *gêneros de discurso* e não como *gêneros de texto*. (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 42. Grifos das autoras).

Nessa citação, defende-se o olhar sobre gênero do discurso e não gênero textual, justificando a devida designação. Neste trabalho, as vozes dos autores-candidatos no ENEM, nas redações analisadas, são intercaladas com a voz de outros autores em citações diretas ou indiretas heterogeneamente mostradas. Pressupõe-se, nesses termos, que o conteúdo temático assume uma supremacia sobre os demais elementos constitutivos do gênero analisado. Observam-se os efeitos de sentido construídos nas vozes que atravessam as devidas produções escritas e que são enunciadas por seus autores-candidatos no ENEM.

Carvalho (2007, p. 57) assinala que dar voz aos outros constitui um indício de autoria, pois “o autor além de apresentar o seu ponto de vista, apresenta a voz de outros enunciadores emitindo opiniões que podem ratificar ou trazer novos argumentos diferentes do que se está postulando; mas, que, de algum modo, se aproximam do discurso esperado”. A aproximação do discurso esperado tem a ver com os objetivos dos autores ao produzirem suas redações, bem como com o modo como isso se processa na construção escrita. Observa-se essa questão com regularidade nas redações modelares analisadas, uma vez que, ao citar outros autores, o candidato constrói sua própria autoria. Dessa autoria, ele enuncia sua voz e embasa todas as outras vozes que mobiliza, dando credibilidade ao seu texto, autenticando-lhe um valor de verdade e valorizando sua produção.

Nas palavras de Carvalho (2007, p. 55), o “autor é aquele capaz de expor a sua singularidade no discurso, extrapolando os aspectos formais e as regras que condicionam o texto; assim, a autoria estaria onde há a explosão do sujeito; isto é, onde ele imprime ao texto suas marcas”. Essas marcas estão entremeadas com as marcas de outros autores, e nessa trama de vozes constrói-se o sentido do texto em uma mobilidade entre as exigências formais da redação e a expressividade de uma dada autoria. Constitui-se, com isso, um diálogo, um tipo de parceria comum à produção enunciativa determinada pelas formas de organização referentes à proposta da redação. Esse diálogo estabelece no discurso um efeito de originalidade.

Conforme já dissemos, para realizarmos essa pesquisa, dialogamos com a perspectiva bakhtiniana de gêneros do discurso. Na definição de Bakhtin (2003, p. 262), “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (grifos do autor). A relativa estabilidade sinaliza, talvez, que não se pode considerar o gênero como um modelo pré-estabelecido, uma forma fixa ou engessada de texto. De acordo com Rojo (2005, p. 199),

[...] aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos socio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s)

interlocutor(es) e tema(s) discursivos, e, a partir desta análise buscarão as marcas linguísticas [...] que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Nesses termos, não se realizou uma análise exaustiva das redações produzidas no ENEM, mas buscou-se observar as regularidades que denunciam a heterogeneidade mostrada e constitutiva nos devidos textos. São essas questões que dão amplitude ao conteúdo temático discutido e tão aguardado pelos autores-candidatos participantes do devido processo.

O GÊNERO "REDAÇÃO DO ENEM" E SUA CONFIGURAÇÃO HETEROGÊNEA SOBRE A INCLUSÃO DE SURDOS

Criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998, com a finalidade de avaliar o desempenho dos estudantes que concluem o Ensino Médio, o ENEM atualmente é um exame que possibilita o acesso às universidades públicas e particulares no Brasil. A redação do ENEM tem uma história para a sociedade escolar como um todo. É um dos principais critérios de aprovação para o acesso ao ensino superior e tem sua notável singularidade no decorrer dos vários concursos já ocorridos, como um ponto alto que se deve alcançar para o ingresso na universidade.

De modo genérico, Pilar (2002, p. 162) observa que em um texto produzido em concursos dessa natureza:

[...] os candidatos devem comprovar sua competência discursiva através da construção de um texto coerente e coeso, adequado ao contexto da prova, não só em termos de correção gramatical, mas também em termos de desenvolvimento do tema proposto sem tergiversações, com vocabulário adequado e com uma tese central sustentada por uma argumentação bem conectada de modo a comprovar que está apto para ingressar no ensino superior.

Esse é o mínimo que se deve fazer em uma prova de redação. Sabe-se que as exigências são muito maiores e que, para atendê-las, o candidato deve também mergulhar em sua problematização temática e constitutiva. A redação do ENEM tem certa complexidade e envolve uma rede de relações pré-definidas por suas condições de produção. É uma proposta que pode se organizar a partir das funções que desempenha e das orientações que lhe são dadas ao ser construída.

É um texto escrito por candidatos em processo seletivo que, em sua maioria, são alunos egressos do Ensino Médio. É uma produção escrita realizada em um determinado tempo, cujos resultados são dirigidos e submetidos aos avaliadores do ENEM, na tentativa de que o devido texto propicie parcialmente o ingresso na universidade. Nesse texto, permite-se que se estabeleça um diálogo entre o tema e as ideias que o norteiam, bem como entre o tema e os textos motivadores que o discutem na prova.

Conforme se observa abaixo, segue a imagem da proposta da redação de 2017.

mercado de trabalho (TEXTO III) e um texto institucional (TEXTO IV), com um breve histórico sobre o acesso dos surdos à educação e a contextualização da surdez no Brasil, estabelecem um diálogo com o tema. Estes constituem uma base enunciativa de sentidos remissivos às condições dos surdos na sociedade.

Para se compor o *corpus* deste artigo, foram coletadas 4 (quatro) redações dissertativo-argumentativas modelares que obtiveram nota máxima, disponibilizadas pelo INEP, cuja composição discorre acerca das dificuldades e barreiras que os surdos encontram em sua formação acadêmica ainda nos dias atuais.

A partir de saberes que circulam nos textos motivadores, os procedimentos de construção textual refletem interações não apenas com esses textos, mas também com as estratégias textuais pré-estabelecidas na prova de redação. As redações são, assim, materialidades que caracterizam a interação de seus autores com a leitura, com a escrita do outro e de si mesmo e com um conjunto de trocas efetuadas no contexto particular da prova do ENEM.

Consoante Bakhtin (2003, p. 86), o objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Nessa perspectiva, o modo de apropriação do discurso do outro também depende dessa orientação tipológica da prova, o que abre maior espaço para a construção interdiscursiva do texto. A presença do outro nos textos a seguir lhes dá condição de credibilidade, exprime sua verdade e lhes assinala um posicionamento.

EXCERTO 1:

Na mitologia grega, Sísifo foi condenado por Zeus a rolar uma enorme pedra morro acima eternamente. Todos os dias, Sísifo atingia o topo do rochedo, contudo era vencido pela exaustão, assim a pedra retornava à base. Hodiernamente, esse mito assemelha-se à luta cotidiana dos deficientes auditivos brasileiros, os quais buscam ultrapassar as barreiras as quais os separam do direito à educação.

No excerto 1, cita-se a mitológica história de Sísifo para ilustrar, ao mesmo tempo em que dialoga (com), as barreiras enfrentadas pelos surdos para terem acesso à educação. Desse modo, “orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações” (BAKHTIN, 2003, p. 86), ainda que seja para ilustrar, é uma história que se soma, é uma ideia que se encaixa no texto. A marca de heterogeneidade remissiva à mitologia grega faculta uma significação ao texto, ao posicionamento sobre a luta dos surdos na sociedade, além da imediaticidade do sentido que se ancora na presença do outro no enunciado.

Da condenação de Sísifo produz-se um discurso que descreve, que explica, que interpreta a “luta cotidiana dos deficientes auditivos brasileiros”. Em resposta a esse processo de interação, a redação mostra-se como um lugar de produção enunciativa de um sujeito situado histórica e simbolicamente. O sujeito surdo, sobre o qual se diz algo, é dado a diferentes possibilidades de leitura, que o mostram, que o definem, em um processo de textualização de discursos orientados pelas condições em que são produzidos.

EXCERTO 2:

Segundo o pensamento de Claude Lévi-Strauss, a interpretação adequada do coletivo ocorre por meio do entendimento das forças que estruturam a sociedade, como os eventos históricos e as relações sociais.

Ao citar Lévi-Strauss, o autor do excerto 2 o interpreta, movimentando significações a respeito da coletividade e de sua relação com a historicidade e a sociedade, mostrando propriedade e competência sobre o que se diz e as dificuldades que emperram a inclusão dos surdos no meio social. Nesse sentido, a redação é institucionalmente conduzida e sua constitutividade atende à “ordem arriscada do discurso” (FOUCAULT, 2003, p. 7). Há uma coerção sócio-histórica do discurso que alcança seu produtor, que o afeta e que, ao mesmo tempo, o conduz à causa dos surdos. Com isso e por meio do “pensamento de Claude Lévi-Strauss”, heterogeneamente mostrado, retoma-se a problemática da subjetividade e da situação sociocoletiva do surdo.

O texto é produto de uma regularidade de sentidos que o perfaz. E sobre essa ordem institucional, a produção escrita organiza a significação em um espaço de materialidade, estruturado a partir de uma configuração, dada pela própria coletânea de textos motivadores e assegurada pelas vozes de outros autores, conforme também se observa no excerto seguinte.

EXCERTO 3:

[...] Isso por ser explicado segundo o sociólogo Talcott Parsons, o qual diz que a família é uma máquina que produz personalidades humanas, o que legitima a ideia de que o preconceito por parte de muitos pais dificulta o acesso à educação pelos surdos.

Observa-se nesse excerto um princípio de repetibilidade discursiva. Esta que lhe imprime marcas de heterogeneidade mostrada e constitutiva que emanam das orientações constantes na prova e de um tipo de saber instituído, no aspecto em que se aborda a relação familiar com o surdo. Decorre desse sentido que “no espaço discursivo, o outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso” (MAINGUENEAU, p. 2005, p. 39). Ou seja, o outro encontra-se no já dito, em sua imbricação com o mesmo, o que, nas palavras de Maingueneau (loc. cit.), confere ao discurso não apenas o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado, mas também a impossibilidade de se dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo. Não se desenha aí a surdez como um objeto apenas de discursividade, mas como produto de uma exclusão forjado no seio da própria família do surdo.

Conforme Bakhtin (2003, p. 86) declara, o enunciado existente, “não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social”, uma vez que surge de maneira significativa num determinado momento social e histórico. O diálogo social é aberto e receptivo aos já ditos que circulam regularmente na sociedade, o que, impreterivelmente, mobiliza uma memória.

Para Marie-Anne Paveau (2007, p. 241), a memória no discurso, sob sua forma discursiva ou interdiscursiva, “está, com efeito, estreitamente ligada às condições sócio-históricas e cognitivas de produção dos discursos, aos dados extra-discursivos e, sobretudo, pré-discursivos que participam da elaboração das produções verbais de sujeitos social e culturalmente situados”. O texto é assim construído como uma teia de citações que retomam, transformam ou refutam outros textos. Esses termos sinalizam que há sempre uma história na base do texto que lhe dá existência e essa história é permeada por outras histórias que produzem seus sentidos.

O tema da surdez está na ordem do repetível, dos temas remissivos à inclusão social, às posturas politicamente corretas e éticas remissivas à emancipação humana e à estima do sujeito. Os autores retomam textos que lhes são previamente apresentados ou não, materializam os sentidos e produzem um todo discursivo em sua heterogeneidade regulamentada, consoante se vê no excerto a seguir.

EXCERTO 4:

Na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o realista Machado de Assis expõe, por meio da repulsa do personagem principal em relação à deficiência física (ela era coxa), a maneira como a sociedade brasileira trata os deficientes. Atualmente, mesmo após avanços nos direitos desses cidadãos, a situação de exclusão e preconceito permanece e se reflete na precária condição da educação ofertada aos surdos no País, a qual é responsável pela dificuldade de inserção social desse grupo, especialmente no ramo laboral.

A menção à personagem machadiana, no excerto 4, introduz um dizer heterogeneamente mostrado e marcado. Esse olhar do outro que se une ao olhar do autor da redação personifica a ideia sobre o tratamento que é dado aos surdos no Brasil. De modo criativo, o autor citou Machado de Assis que em sua narrativa discute o olhar da sociedade brasileira sobre os deficientes. Citar Machado é olhar o discurso do outro para se entender o mundo ou a vida social, imersos nas diferentes práticas discursivas polifonicamente inscritas na redação do ENEM.

Nos excertos supra-apresentados, percebe-se que os enunciados que constituem as redações traduzem um dizer pertencente a uma dada ordem de discursos. São enunciados que emergem de condições discursivas específicas, em que os autores constroem uma relação com a leitura, a interpretação, a produção de texto e o mundo atual.

Observe-se que o modo de apropriação interdiscursiva nos textos analisados atende à orientação da PROPOSTA DE REDAÇÃO, dada nos seguintes termos: “A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto [...]”. Tal orientação constitui, por sua configuração injuntiva, um quadro coercitivo que incide sobre a produção do texto, a inscrição do outro no discurso e sobre os posicionamentos de seus autores. Ou seja, há um trabalho interativo que não apenas demanda, mas traduz a presença do outro no discurso que rege os enunciados.

Possenti (1981, p. 48-53) observa que “dependendo da imagem que o locutor faz do interlocutor, no momento da produção do discurso, ele utiliza um ou outro mecanismo coesivo [...]. Indiretamente, é a imagem do interlocutor que comanda a decisão”. Essa postura se inscreve no texto de modo irrefutável: a voz do autor se entrelaça dialogicamente com a voz do seu interlocutor, ela se desdobra e se movimenta entre os enunciados da prova de redação, embasando os sentidos que mobiliza e que heterogeneamente constrói para o seu leitor-interlocutor.

As redações analisadas dão a conhecer alguns óbices do mundo dos surdos e sua difícil inserção no mundo dos audíveis, consoante a heterogeneidade que nestas se inscreve e com as quais se harmoniza. É essa mesma heterogeneidade que, por meio de suas marcas, expressa a vida cotidiana dos surdos e suas circunstâncias. O tema “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil” não nega a surdez, mas espreita seus desafios e o fato de que excluí-la na educação é negar o surdo como sujeito e como grupo de existência coletiva.

Na medida em que o ENEM perscruta esse tema na prova de redação, oportuniza-se o seu debate, convocam-se à reflexão milhares de produtores de textos que podem agregar peso e relevo à condição do surdo na educação e à sua existência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, portanto, da análise aqui realizada, que a presença do outro configura-se por meio de uma interdiscursividade enunciativa, da heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva, o que induz a se entender que o conteúdo temático na redação do ENEM vai além do diálogo e do confronto com situações cotidianas. Sabe-se que, em parte, a sociedade brasileira tem demorado a amadurecer politicamente para incluir o surdo no contexto educacional, ou mesmo a aceitar que o surdo existe, que o surdo vota, que o surdo paga impostos e estuda. Não são demandas fáceis, elas são difíceis e tristes para o surdo.

O olhar cruzado e plural sobre os diversos textos analisados dá a saber que a heterogeneidade constitutiva das redações do ENEM agrega valor à produção, valor contedístico, valor temático, valor argumentativo, bem como relevância polifônica, por meio do atravessamento de outras vozes que são mostradas e marcadas nas produções.

As redações modelares aqui analisadas demonstram caminhos e movem reflexões que podem transitar por diferentes áreas do conhecimento que têm a surdez como seu objeto. De modo produtivo e heterogêneo é um tema que aborda uma questão social delicada e que não se esgota, precipuamente, pela complexidade que engendra. Há uma singular valia sobre as tensões que atravessam o tema da surdez em uma redação do ENEM: pois ele irrompe como preocupação coletiva. Investiu-se na surdez, sob o prisma de autores que também espelham nossa voz em seus textos, ainda que esta voz nem sempre seja ouvida, ela sobreveio inesperadamente.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci B. Barbisan e Valdir N. Flores. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARVARLHO, M. A. F. Produção e inteligência de textos: fios condutores no processo de ensino-aprendizagem. In: ALVES, W.; RODRIGUES, M. L. (Orgs.). **Discurso e sentido**: questões em torno da mídia, do ensino e da história. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FAÍTA, D. A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. A. Sampaio. 9. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2003.
- LIMA, F. F. P. A.; BACELAR, A. P. S. Das práticas sociais ao conteúdo temático: interfaces da intervenção no gênero redação do Enem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 1, p. 87-101, jan./mar. 2019.
- MAINGUENEAU, D. Primado do interdiscurso. In: MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.
- PAVEAU, M. A. Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSKY, F. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.
- PILAR, J. A Redação de vestibular como gênero. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- POSSENTI, S. Sobre discurso e texto: imagem e/de constituição. In: POSSENTI, S. **Sobre a estrutura do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1981.
- POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. V. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: BONINI, A.; MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.